

O BRASIL POSTO A NU.

Vera Núbia Santos
Professora da UFS

Hans Christian Andersen publicou em 1837 um conto muito interessante sobre soberba e vaidade: “A roupa nova do rei”. Esse conto apresenta um reino onde o soberano preocupa-se mais com sua imagem do que a vida da população. Aqueles que o cercam, evidentemente, só pensam em agradar ao rei, que tem como maior prazer trocar roupas para mostrar-se. Na sua vaidade e soberba, o rei acredita em qualquer estória que seja para sua bajulação: e ele acredita em vigaristas que se apresentam como tecelões e garantem-lhe o mais precioso e belo traje da sua vida, mas que somente pode ser visto e apreciado por pessoas inteligentes, que podem perceber a sua beleza. Com essa promessa, imediatamente são contratados e produzem um traje invisível aos olhos de tolos. Todas as pessoas enviadas pelo rei para saber a feitura do traje especial nada veem no tear, mas não se permitem ser consideradas tolas por não conseguirem enxergar o que os falsos tecelões teimam em explicar que produzem.

Finalmente, chega o grande dia, e todo o reinado, atônito para ver a roupa nova do rei, expressam maravilhas ao verem o soberano a desfilarem com seu traje especial: sua nudez. Embaladas/os na explicação de que só inteligentes conseguiriam perceber a riqueza dos detalhes de um traje tão especial, as pessoas murmuram toda a sua admiração pelo novo traje do rei.

Mas, eis que entre todas aquelas pessoas, uma criança grita: “o rei está nu. [...] Imediatamente o povo começou a cochichar entre si. ‘O rei está nu! O rei está nu!’ – começou a gritar o povo. E o rei ouvindo, fez um trejeito, pois sabia que aquelas palavras eram a expressão da verdade, mas pensou: ‘O desfile tem que continuar!’ E, assim, continuou mais impassível que nunca e os camaristas continuaram, segurando a sua cauda invisível.”

...

Ontem, 22/05/2020, ficamos atônitas/os ao acompanhar a transmissão da fatídica reunião ministerial alardeada pelo ex-ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública em 24 de abril no momento em que anunciava seu afastamento do cargo. O que se viu, num grupo de pessoas (maioria homens brancos), que representa o Estado brasileiro, no Poder Executivo, foi uma sequência de ataque aos serviços públicos: uma defesa escancarada do distanciamento das necessidades da população num momento de crise sanitária há muito tempo não vista no país. Não se ouviu uma menção respeitosa ao momento em que se avolumava o número de mortes, mas “privatização”, “regras para facilitar todo tipo de ataque ao meio ambiente”, “desqualificação da luta de povos originários”, “subserviência aos mandos estadunidenses”, “ameaça a quem tenta assegurar direitos”, “defesa da centralização de poder na figura de uma pessoa – personalismo exacerbado”, “desqualificação de servidoras/es e dos serviços públicos”... A lista é enorme, e uma reunião de trabalho se reduz a uma roda de conversa cujo propósito é sinalizar que, em momento de dor da população, de arremetimento de forças da sociedade em processos de solidariedade, era preciso encontrar “as brechas” necessárias para implodir o Estado.

...

Mas não fiquemos somente com o vídeo da reunião, após sua divulgação maciça, eis que chega o chefe de estado e, num pronunciamento disfarçado de entrevista coletiva, reitera tudo o que foi publicado, e é aplaudido pelos seus seguidores, que esperam para ver “o mito” pessoalmente.

...

Esses dois episódios de uma crônica brasileira mostra que o Brasil foi posto a nu: chegou ao poder máximo do país uma figura e um grupo que tem desprezo ao significado desse posto. Tratam o serviço público como extensão privada da sua casa, e nesse sentido, só fazem aquilo que bem entendem. Os recados explicitados na reunião para os asseclas ali presentes tem um significado: “eu sou o rei, e devo estar sempre em evidência”. As novas roupas devem ser para evidenciar a beleza e qualidades daquele que foi eleito por 54mi: não podem e nem devem ser invisíveis aos olhos daquelas/es que estão no cargo. A reunião pois a nu um Brasil que a própria composição do poder (e do quadro afixado na parede da sala onde ocorria) aponta: branco, misógino, elitista... longe das demandas do povo e dos grupos socialmente minoritários, embora em maioria numérica: pobres, pretas/os, LGBTQI, indígenas, defensoras/es de direitos humanos...

O Brasil foi posto a nu, precisamos gritar mais alto.

Aracaju, 23/05/2020.